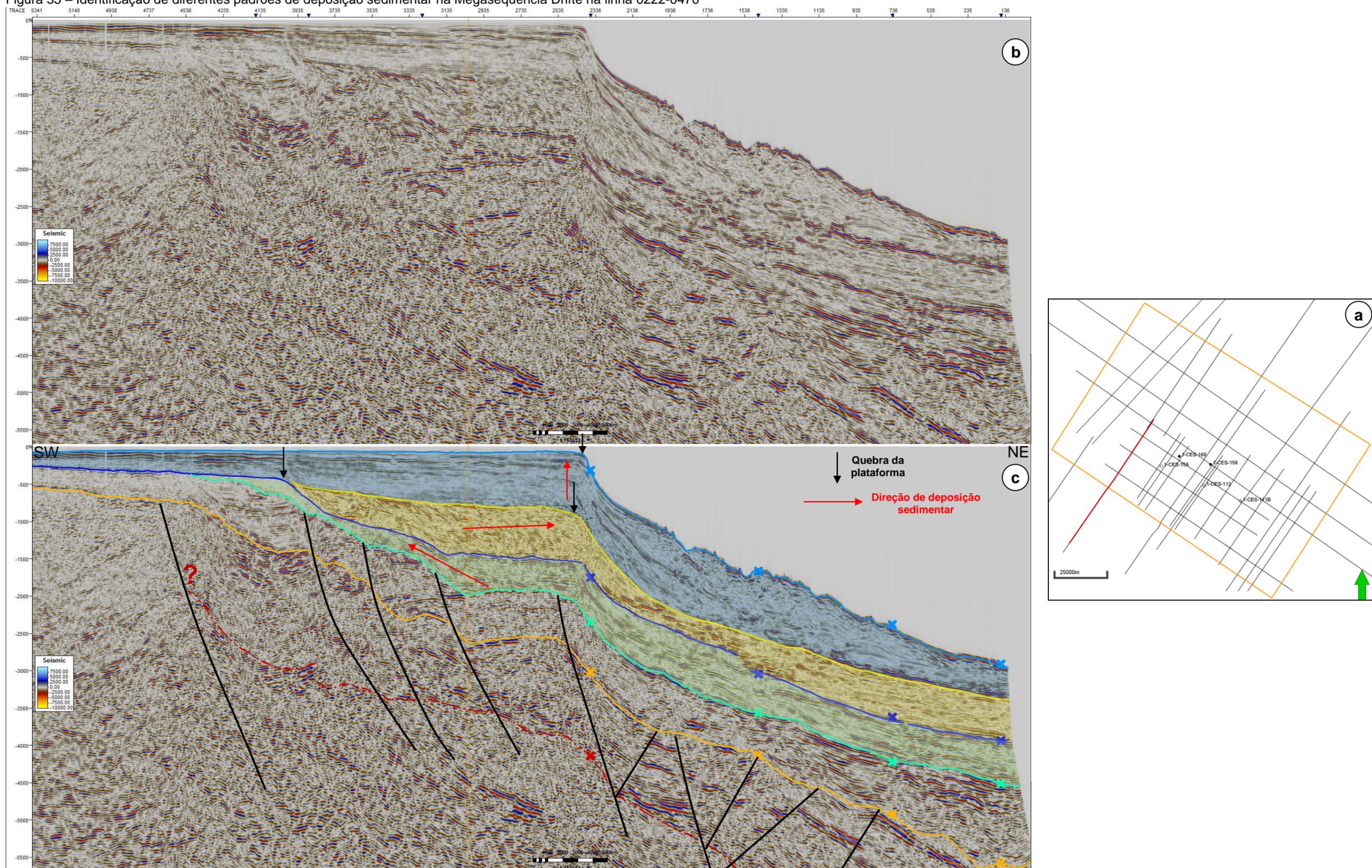
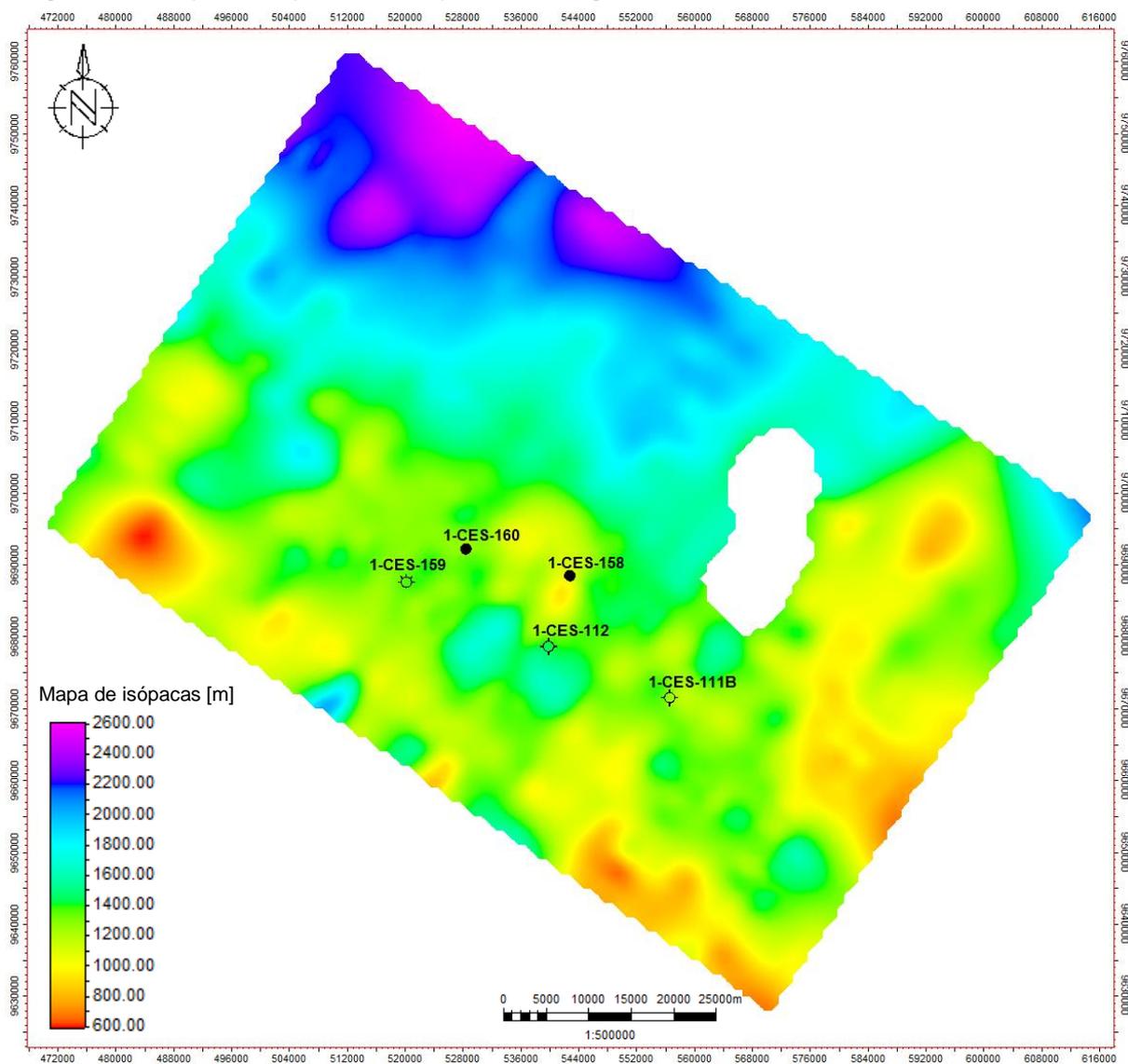


Figura 35 – Identificação de diferentes padrões de deposição sedimentar na Megasequência Drifte na linha 0222-0470



Legenda: (a) – localização da seção mostrada em “b” e “c” (linha vermelha); (b) – linha sísmica sem interpretação; (c) – linha sísmica com interpretação e observa-se que os padrões de deposição sedimentar são bem delimitados pelas quebras da plataforma (apontado por setas pretas) e pela direção da deposição sedimentar (apontado por setas vermelhas).
 Fonte: A autora, 2016.

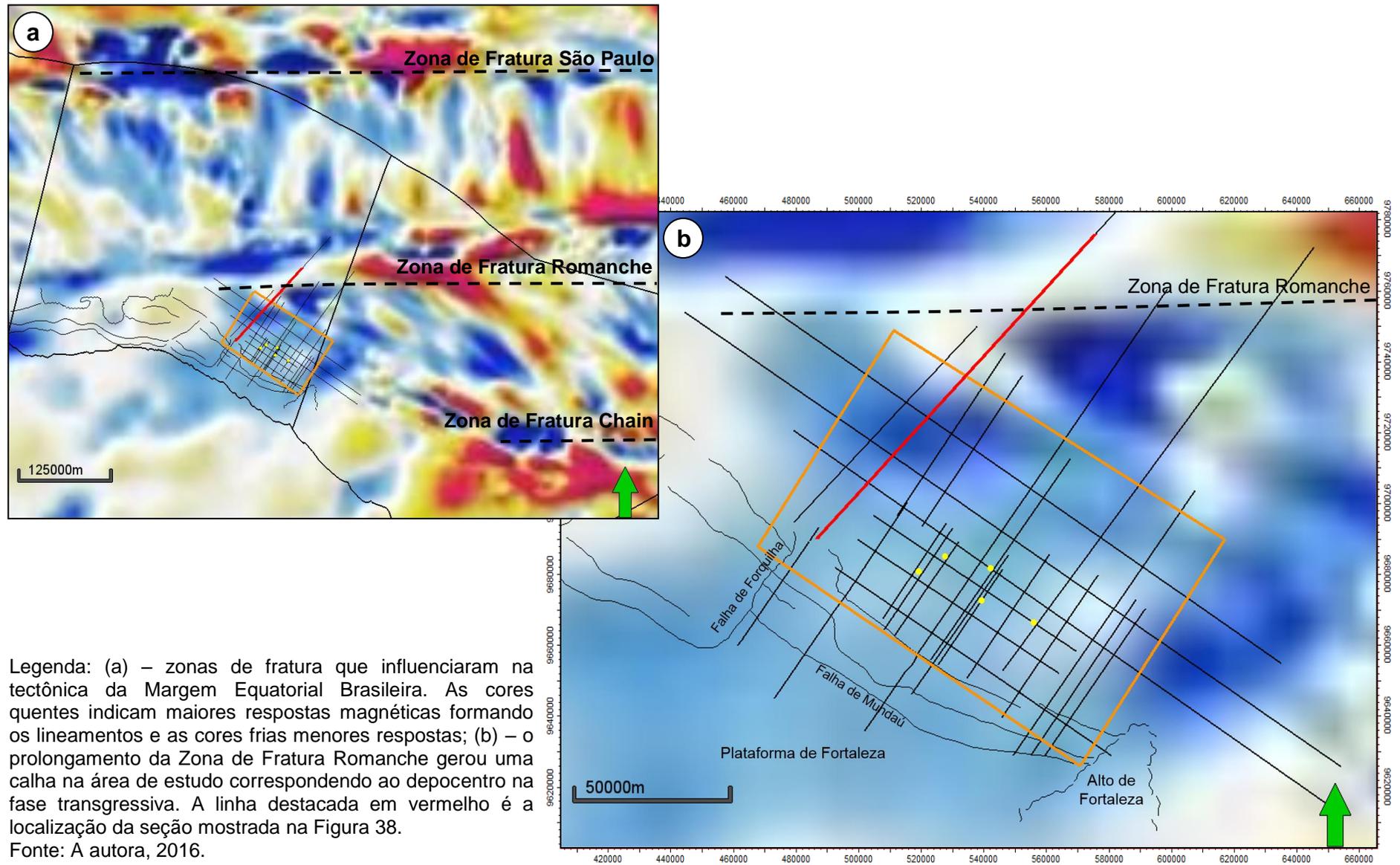
Figura 36 – Mapa de isópacas da Sequência Transgressiva



Legenda: É possível observar no mapa que o depocentro desse intervalo está na parte noroeste da área de estudo.

Fonte: A autora, 2016.

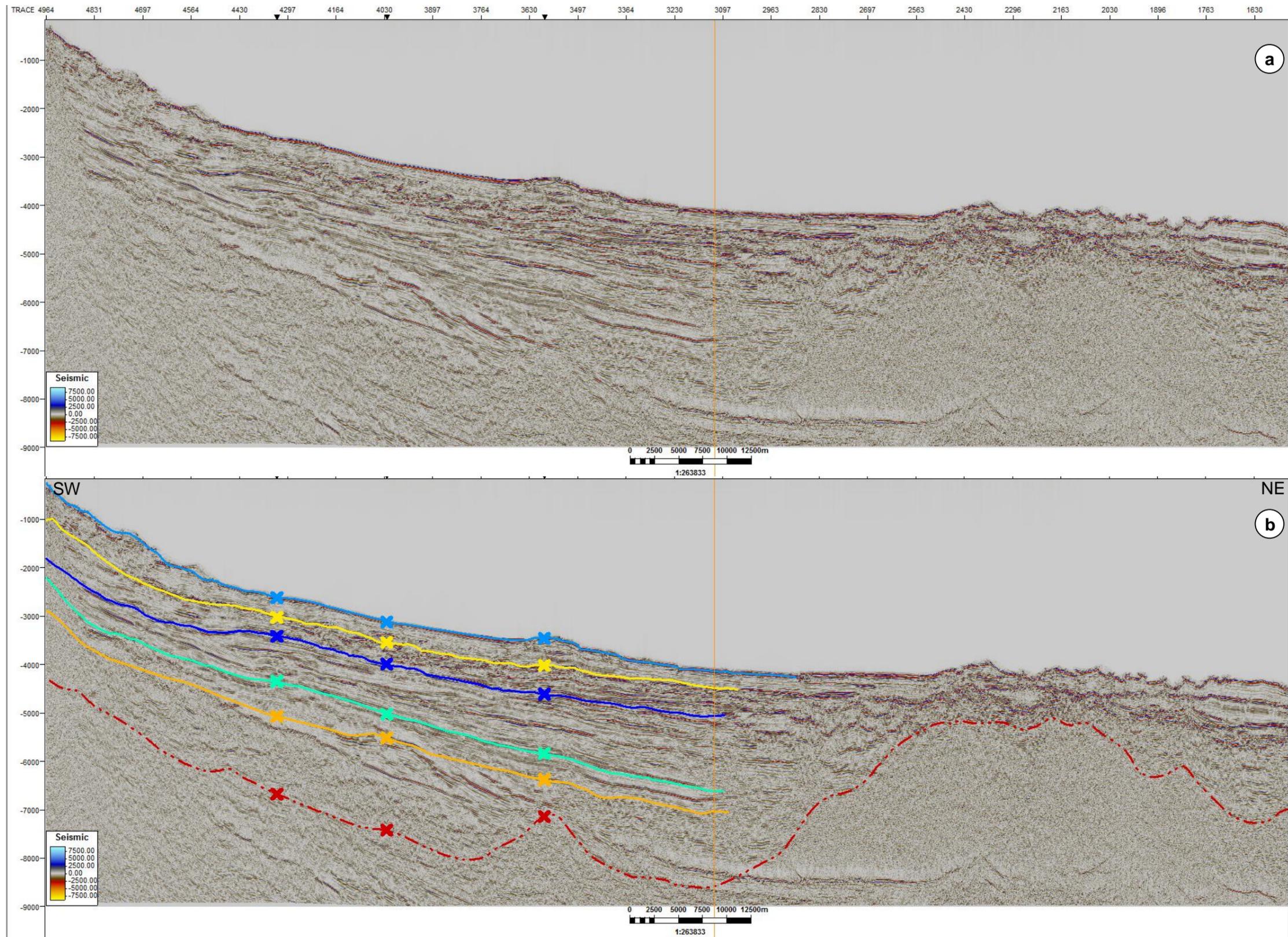
Figura 37 – Mapa de magnetometria mostrando as zonas de fratura na Margem Equatorial Brasileira



Legenda: (a) – zonas de fratura que influenciaram na tectônica da Margem Equatorial Brasileira. As cores quentes indicam maiores respostas magnéticas formando os lineamentos e as cores frias menores respostas; (b) – o prolongamento da Zona de Fratura Romanche gerou uma calha na área de estudo correspondendo ao depocentro na fase transgressiva. A linha destacada em vermelho é a localização da seção mostrada na Figura 38.

Fonte: A autora, 2016.

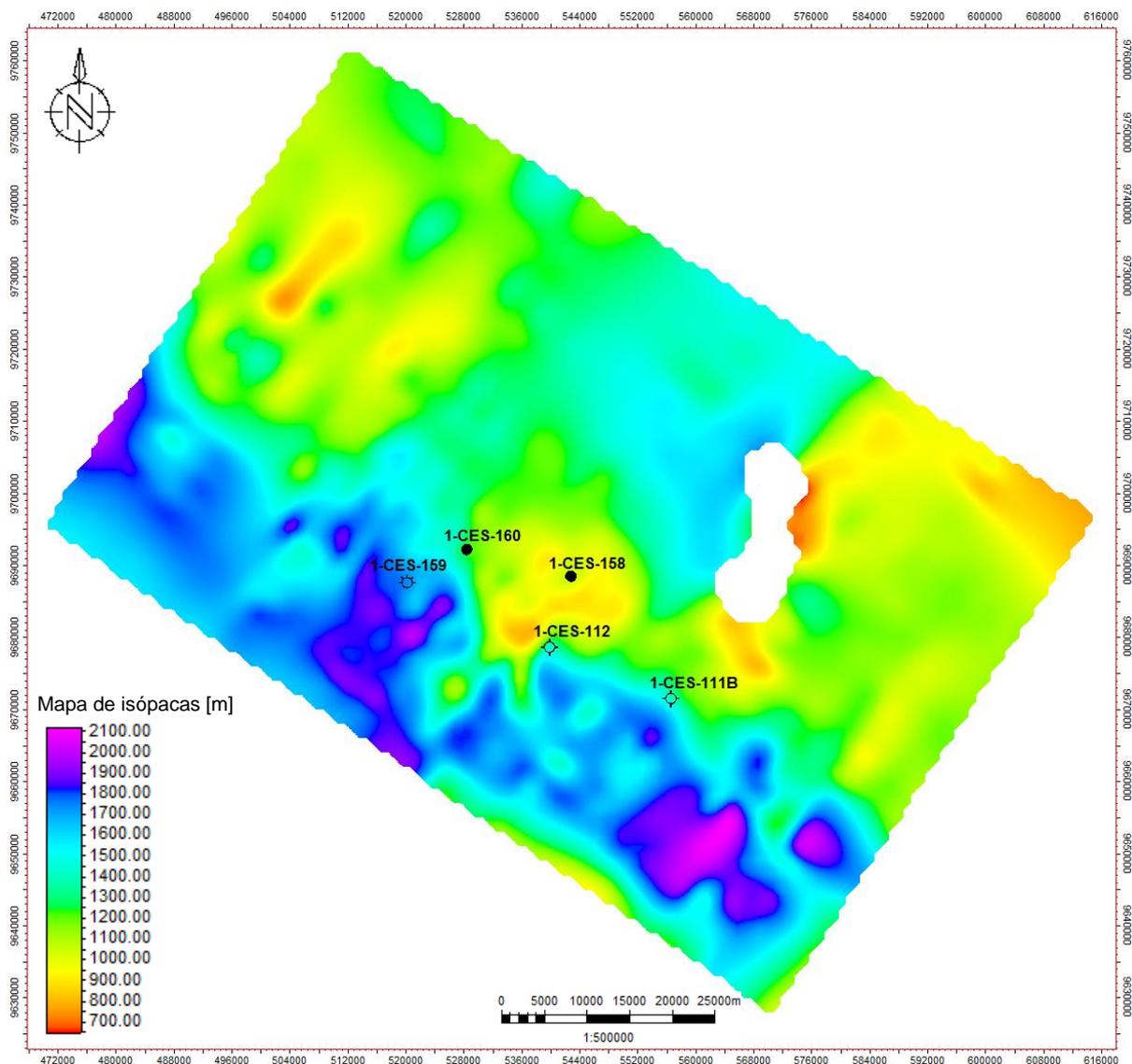
Figura 38 – Interpretação do alto do embasamento corresponde ao prolongamento da Zona de Fratura Romanche na linha 0073-0032



Legenda: (a) – linha sísmica sem interpretação; (b) – linha sísmica com interpretação e observa-se que o alto do embasamento forma uma calha para deposição sedimentar, englobando a área de estudo que é delimitada pela linha laranja na sísmica.

Fonte: A autora, 2016.

Figura 39 – Mapa de isópacas da Sequência Regressiva



Legenda: Observa-se no mapa que o depocentro desse intervalo se encontra no sopé do talude.
Fonte: A autora, 2016.